

Francis



José Tarcísio Ramos, Nasceu em Fortaleza, Ceará, em 1941, e ficou conhecido publicamente como Zé Tarcísio. mas a busca por uma vida simples, em harmonia com a natureza, acabou por "simplificar" ainda mais seu nome, e hoje é simplesmente Zé.

Uma de suas fases mais emblemáticas e de forte cunho político foi a série das pedras. Poderíamos considerar esta, dentre as muitas fases do artista, uma das mais expressivas, ao representar uma época marcada por perseguições políticas aos intelectuais e artistas nos anos 1970.

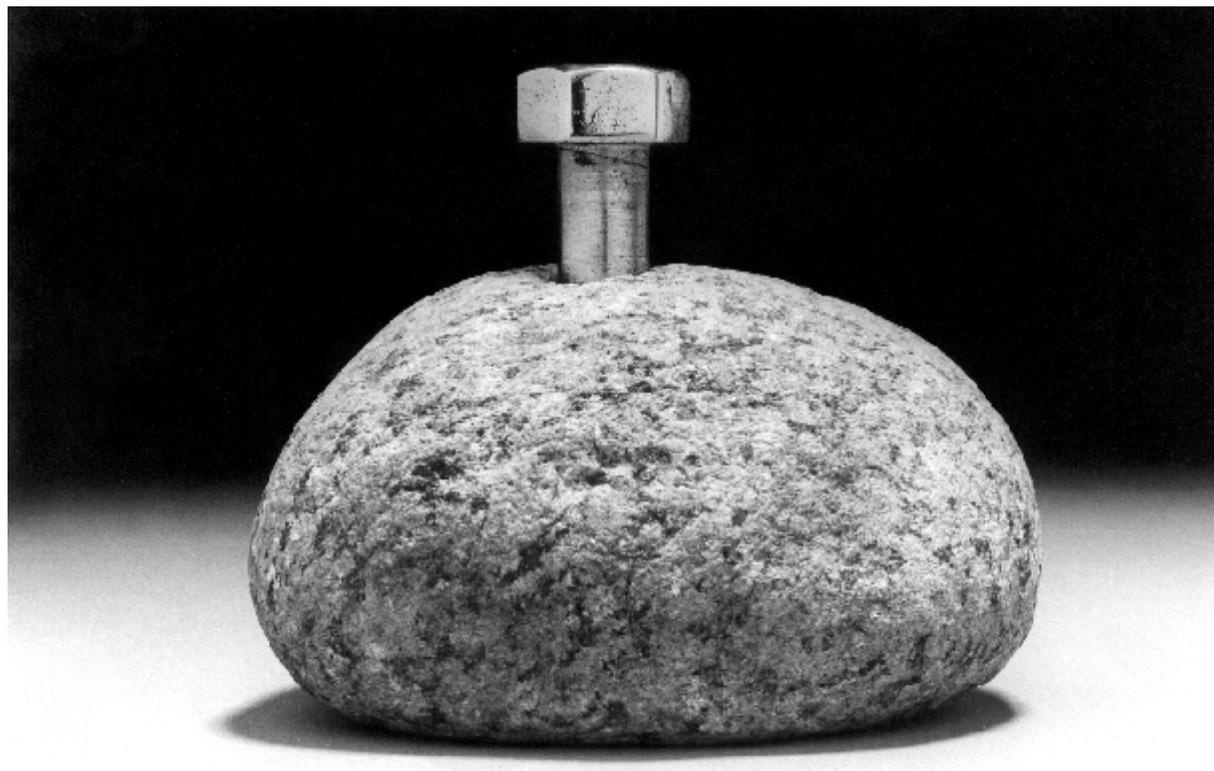
Nestes anos de ditadura militar no Brasil os artistas representavam um perigo iminente.

As pedras que se tornaram uma constante em sua obra no começo daqueles anos poderiam ser interpretadas, simbolicamente, como uma ideia de resistência por sua dureza e peso. Nos fazem lembrar ainda a aridez humana ou a geografia de um lugar seco e desolado.

A arte significava uma "revolução" subjetiva do pensamento, que poderia resultar em um levante contra uma situação imposta no silêncio e que não dava lugar para o pensamento libertário, livre de dogmas.

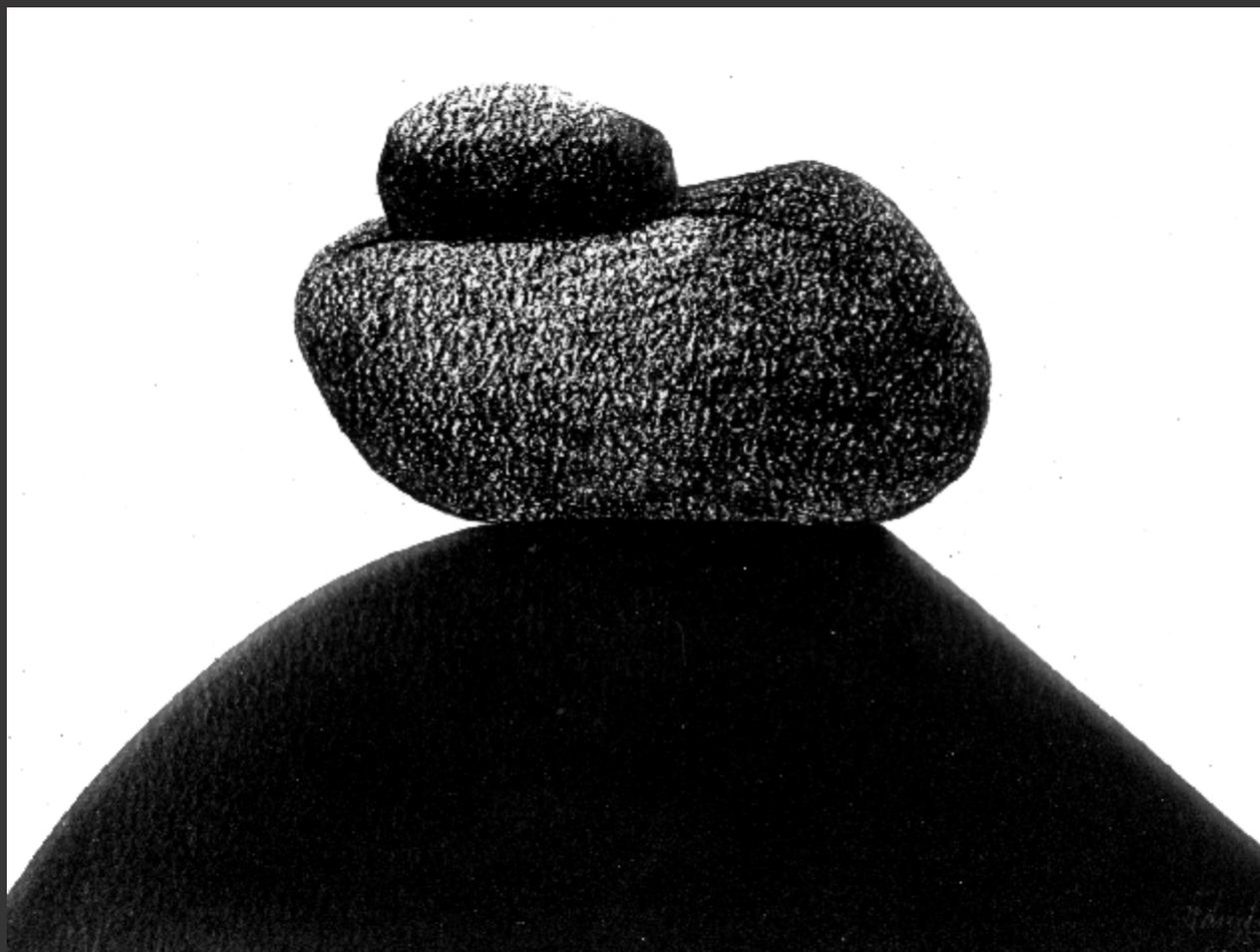
Nada portanto mais "silencioso" do que as pedras. Melhor, nada "menos" silencioso do que as pedras.

Estes minerais estão carregados de significado e, como matéria vulcânica, advindos das entranhas da terra, acumulam toda a memória do mundo, inclusa a parte que desejamos esquecer.



Resistência, 1975
Pedra e parafuso em aço inox
12x17x9cm

Ricardo Resende



Pedra sobre pedra, 1975 - Desenho (lápis cera e nankin sobre papel) - 100x75 cm

O DESENHO DE JOSÉ TARCÍSIO

O Brasil nem sempre teve bons pintores mas sempre teve bons desenhistas. Vamos citar apenas dois dos maiores: Portinari e Grassmann. Depois de ter sido o "país da gravura" (Fayga Ostrower e Maria Bonomi como polos dos mais importantes), o país se volta mais uma vez para o desenho, como ficou bem patenteado no último Encontro de Arte de Jundiaí, onde essa técnica se sobressalou de tal forma que o Grande Prêmio coube ao desenhista José Tarcísio. A justiça foi duplamente aplicada: à importância do desenho, como base de toda obra de arte, e à importância de José Tarcísio no quadro atual do desenho brasileiro. Artista múltiplo, Tarcísio tem abordado várias formas de expressão, como a pintura, a litografia (de que temos belos exemplos nesta exposição), cenografia e figurinos, objetos líricos com borboletas azuis e agrestes com um regador molhando pedras. Esse objeto lhe valeu o Prêmio de viagem ao Estrangeiro, no Salão Nacional de Arte Moderna de ano passado. Fiel ao assunto, o artista retoma a pedra e toda a sua ambientação na série de desenhos que a Galeria do Sol apresenta. Mas repare-se como ele parte para a simplificação: basta comparar as litos de 1974 com os desenhos de 1975. Todas as interferências foram abolidas e a pedra passou a funcionar como elemento único de agressão ao viajante descuidado. "Eu existo" - diz a pedra. "Não penso mas existo". E continua seu monólogo absurdo: "Como já existí no poema de Carlos Drummond de Andrade, volto a existir no desenho de José Tarcísio".

Vindo do nordeste, José Tarcísio reflete em sua obra um elemento da paisagem rude de sua terra. As belas praias e palmeiras já foram por demais cantadas. É preciso lembrar que pelas margens das modernas estradas do Ceará existe o incômodo da pedra e do homem que se esconde atrás dela. Ambos mudos, ambas existindo quase sem pensar mas exigindo muito mais do que a margem da estrada. Valorizando a pedra numa obra de arte, José Tarcísio dá seu recado social, lembrando ainda que no banal de uma imagem corriqueira há um valor estético adormecido. Acordá-lo e dar-lhe a vida é função do talento artístico, aqui revelado sem economia e com grande precisão.

Harry Laus

São Paulo, agosto de 1975.

galeria

do sol

apresenta

José

Tarcísio

23/08/75

à

11/09/75

das

15 às 23 hs.

de terça

a domingo

rua ipiranga

125

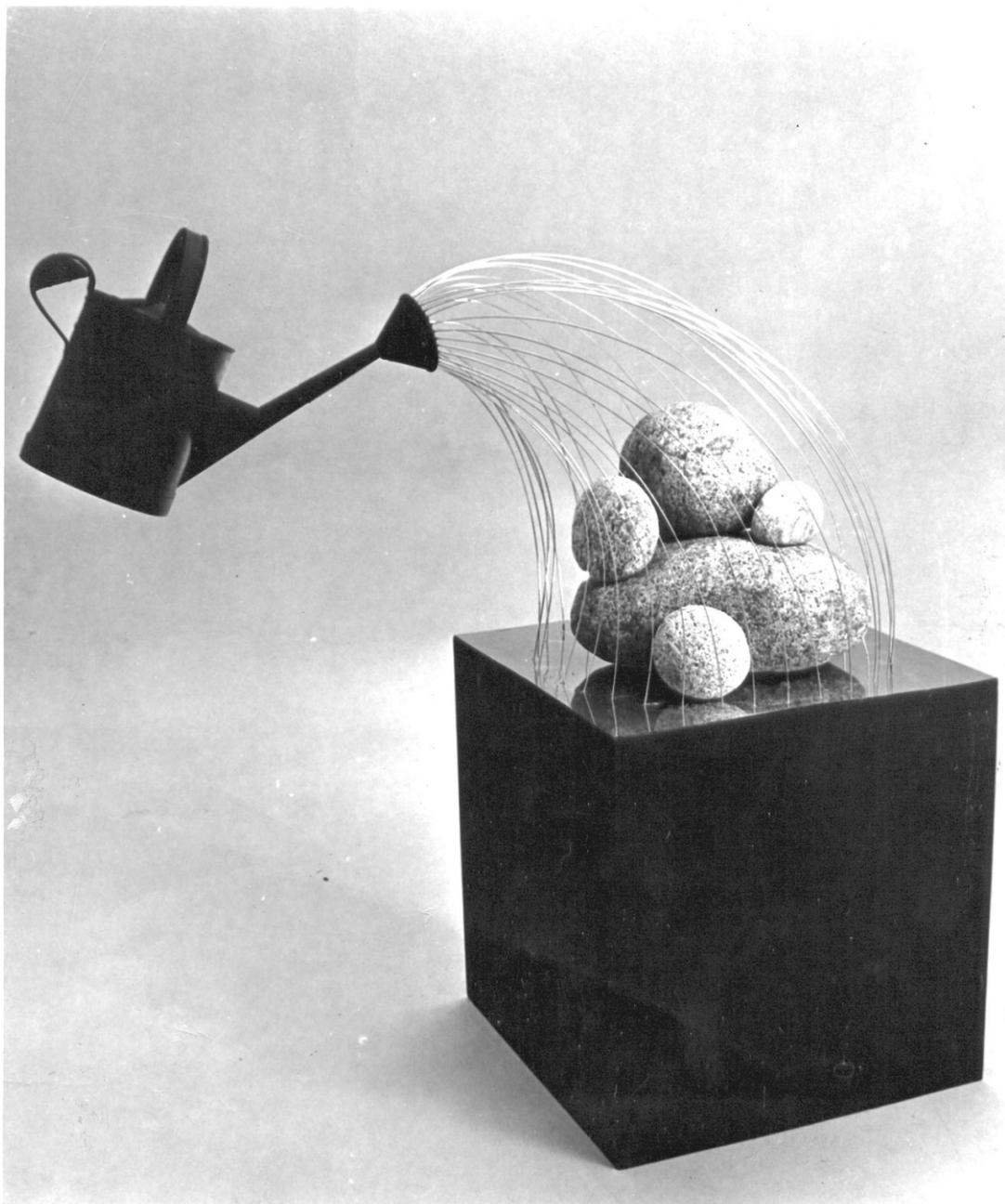
maringá

s.j.campos

telef. 21-5684

21-5685

J. Tarcísio



Regador - 1974

Em 1974 recebe o prêmio "Viagem ao estrangeiro" no Salão Nacional de Arte Moderna no Rio de Janeiro, na categoria de escultura com sua obra "Regador". Em 76 esta escultura que pertence atualmente ao acervo do Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, foi reproduzida em selo pela ECT – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

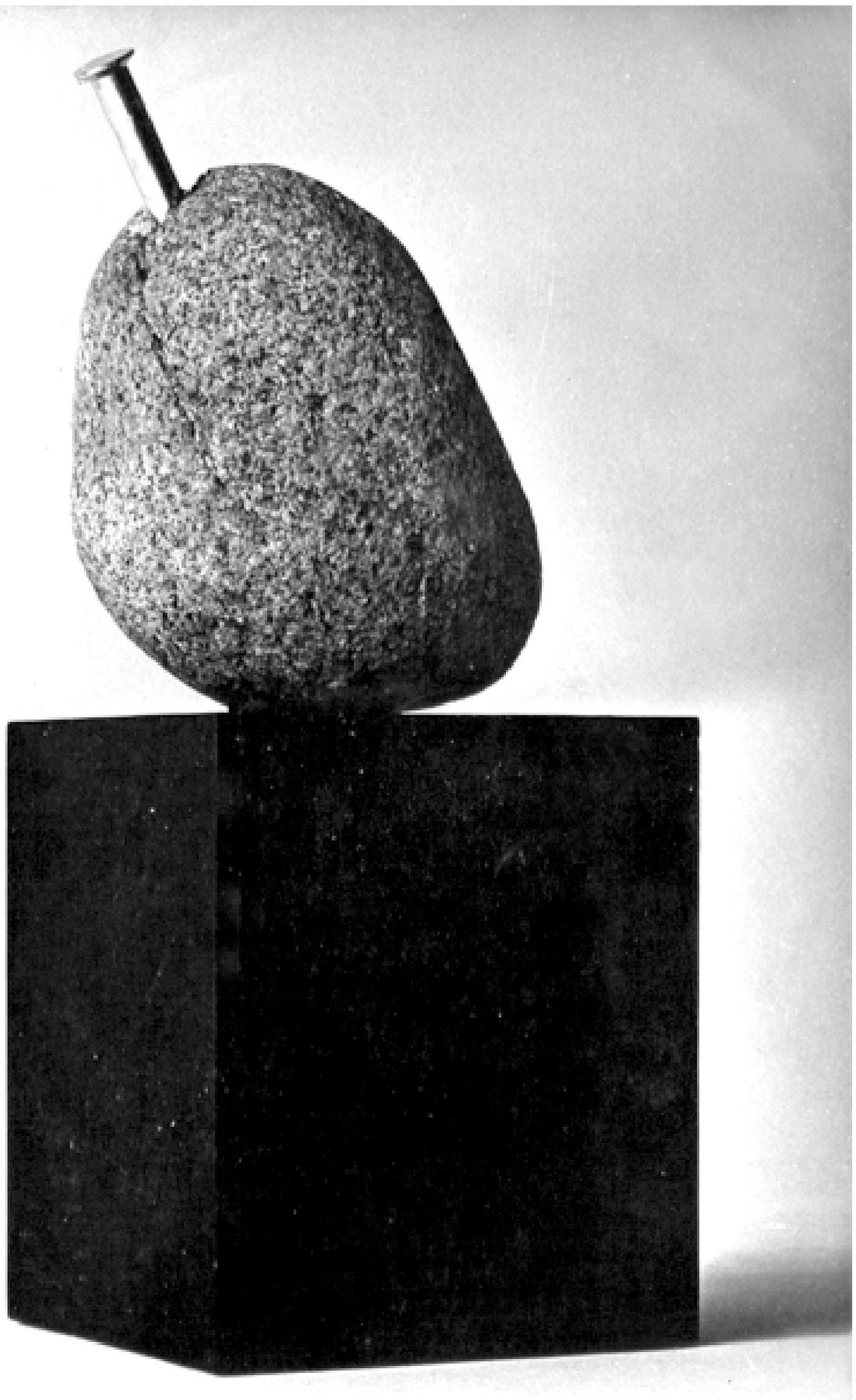
"Poderia considerar dentre muitas, uma das de maior expressividade que representa uma época marcada por perseguições políticas e intelectuais. As pedras que se tornam uma constante em sua obra neste momento poderiam ser entendidas como uma idéia de resistência na sua dureza e peso simbólicos" (Ricardo Resende).





Tarsila 67

Série Círculos, 1967



Prego na Pedra, 1975
Pedra, madeira e metal cromado
Aprox. 80x65 cm (base) - 40x40x40 cm

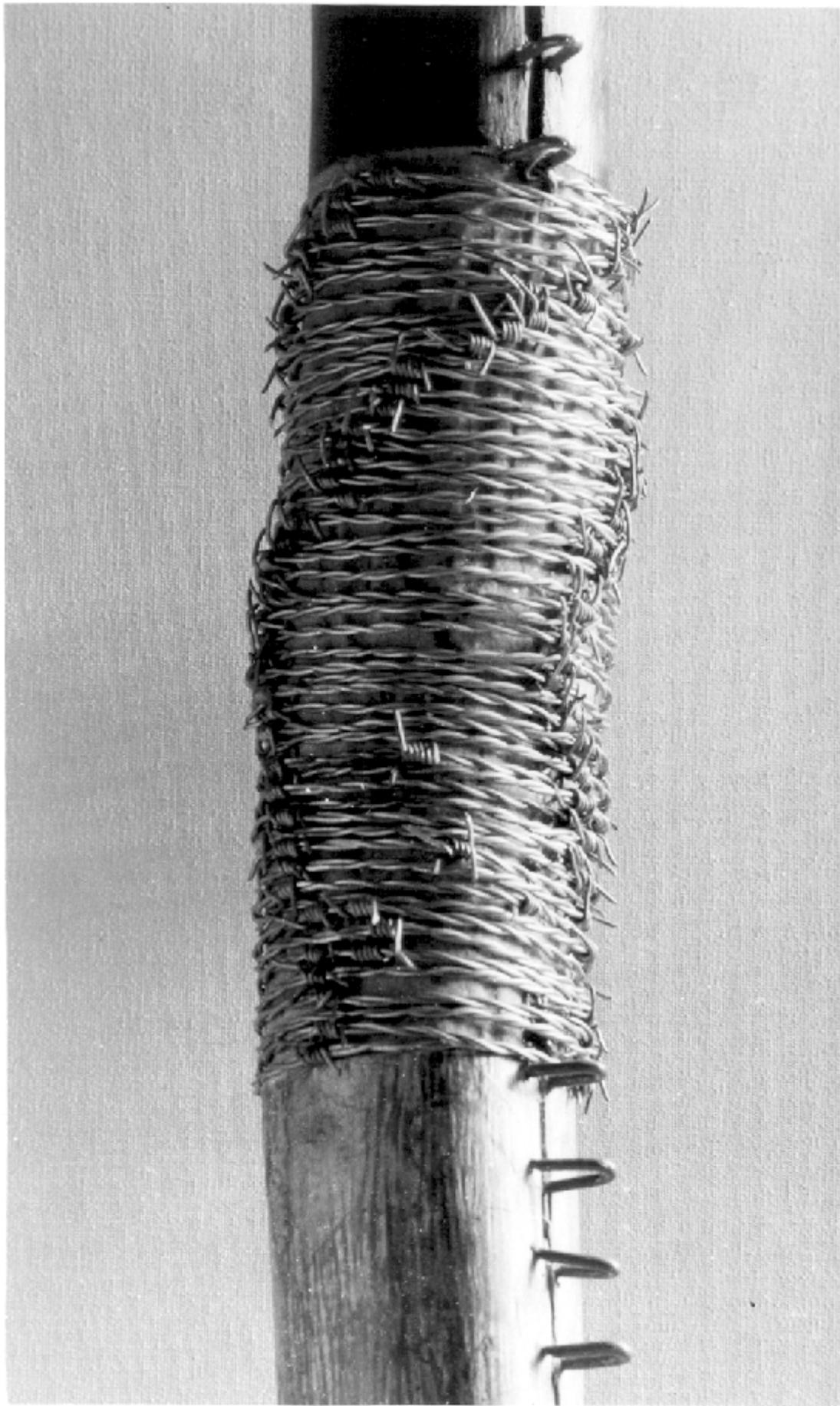


Interior de Carro, 1969

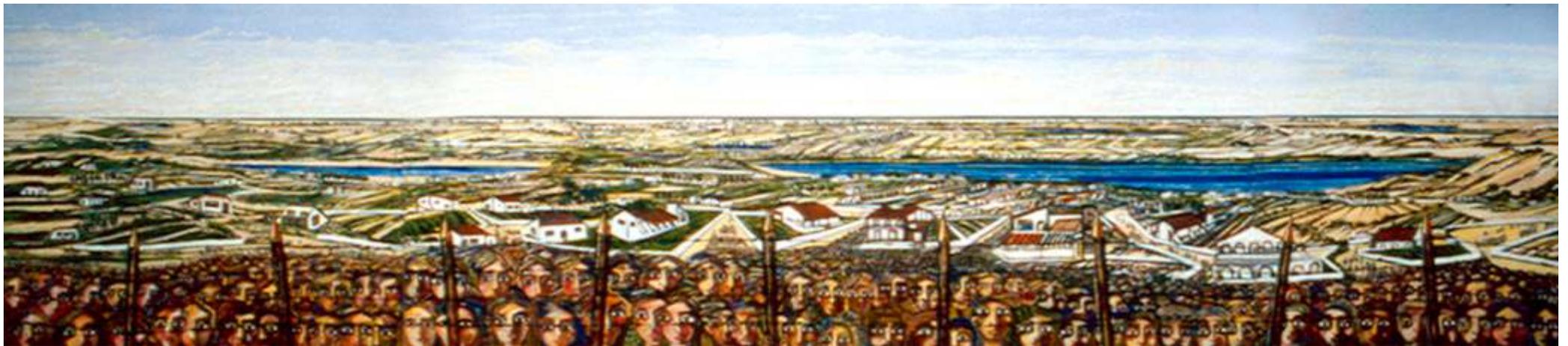


Série Nativos - 1988





Madeira: matéria de arte - 1984



S. O. S. Litoral - 1979/1990





Ex-votos - 2006





Objeto / Série Romaria - 2006





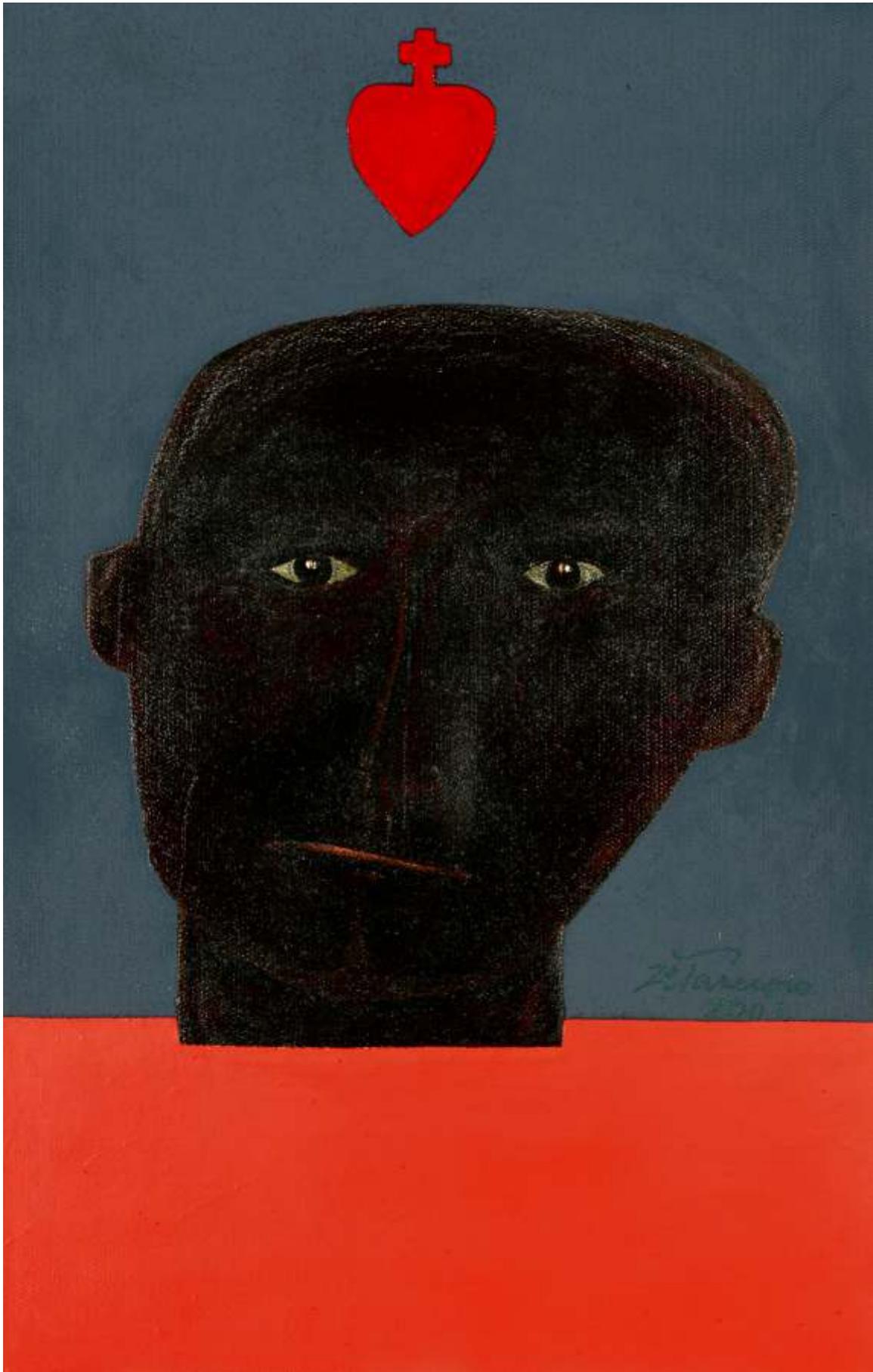
Vôos noturnos - 2004





Relicário da seca - 2013





Cabeça e coração - 2006





Kaosmos - 1994





Vôos noturnos - 2004





Percursos Urbanos - 2014





Nordestinidade - 1985

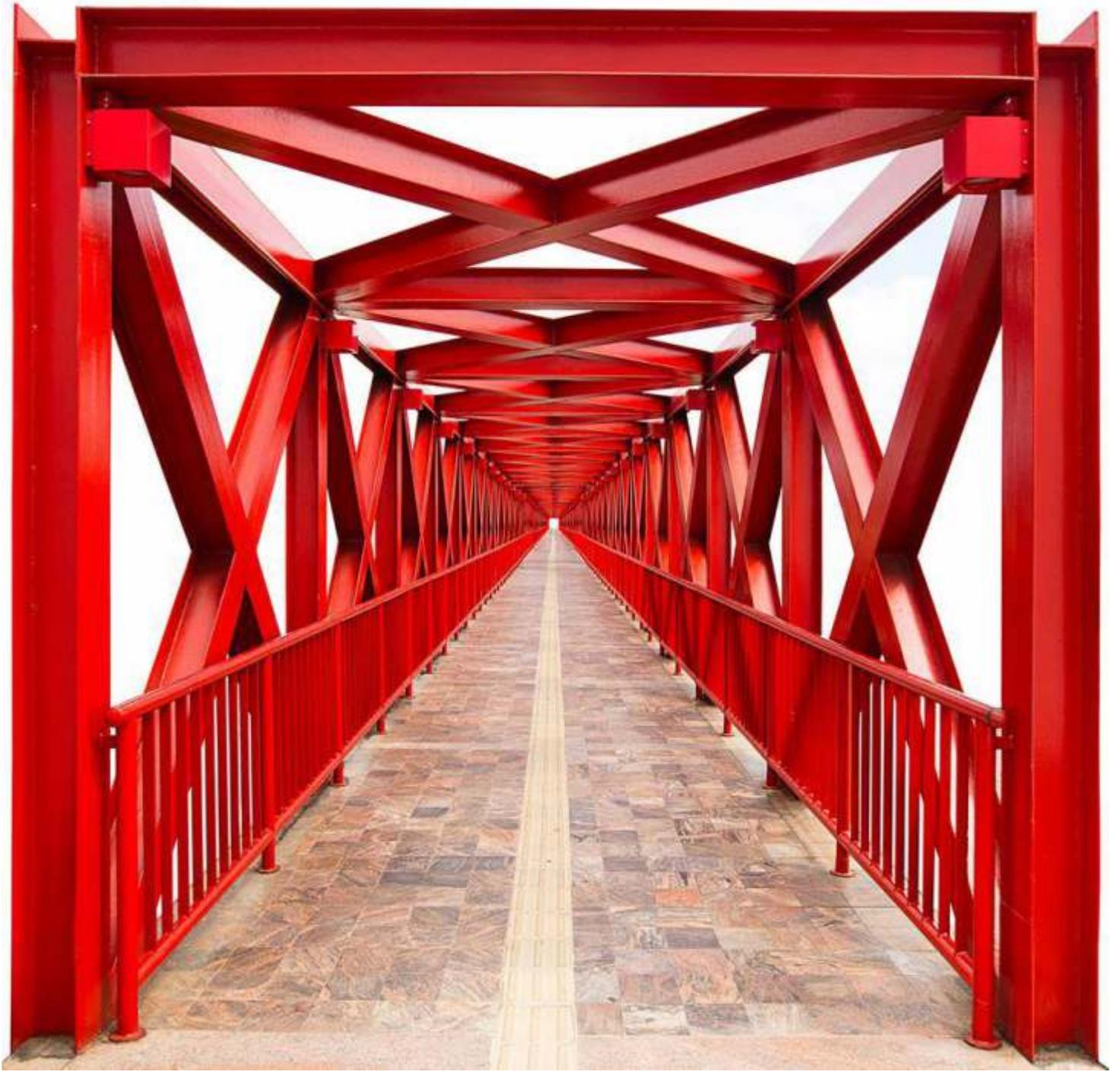


Ex-voto - 2006



Relicário da seca - 2013





Ilusão - 2001



Foto: Adenor Gondim

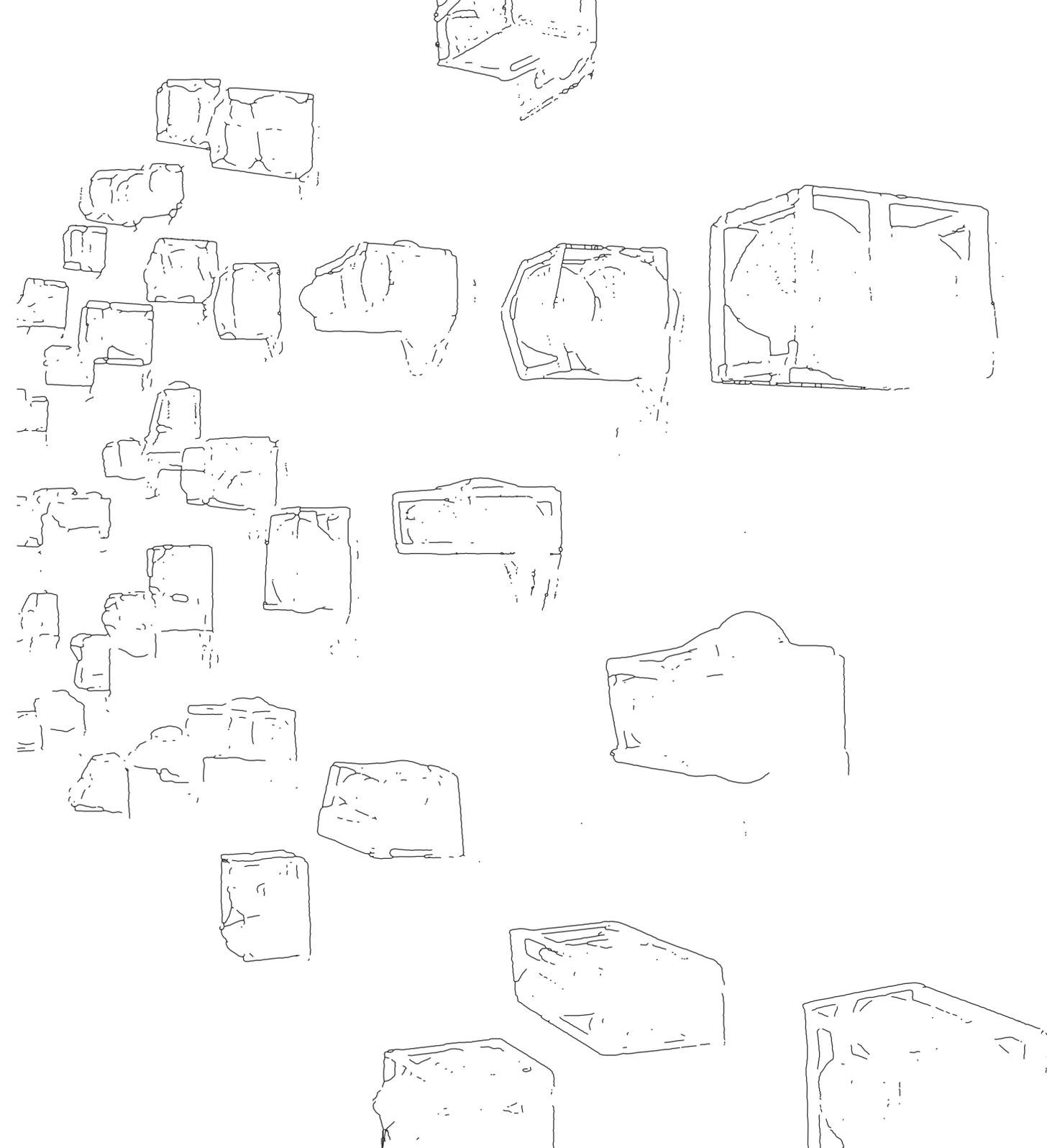
Zé Tarcísio

Nascido em 1941 em Fortaleza, inicia seus primeiros trabalhos aos 19 anos, no pensar artístico. No ano seguinte, viaja para o Rio de Janeiro, depois de ter conhecido Antônio Bandeira. Freqüenta, por dois anos, o Curso Livre de Pintura na Escola Nacional de Belas Artes. Em 1971, é comissionado por Walmir Ayala para ser um dos representantes brasileiros na VII Bienal de Paris. E, 1974, expondo no XXIII Salão Nacional de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, ganha o prêmio nacional: uma viagem ao exterior. Em 1976, tem seu trabalho *Regando Pedras* reproduzido em selo pela ECT.

As origens o chamam de volta à terra natal e, em 1982, monta seu ateliê nos arredores do atual Centro Cultural Dragão do Mar. No ano seguinte, cria a Por Hipótese Produções. A década de 90 rende-lhe uma homenagem do Museu de Arte da Universidade do Ceará, o Mauc, por 30 anos de atividades artísticas e uma temporada na Europa e em Cuba.

Em 2001, recebe a Medalha Boticário Ferreira, da Câmara Municipal de Fortaleza. No ano de 2002 Realiza oficinas de criatividade para Projeto de Interiorização na Escola Pública no Ceará. Já em 2003 retorna ao velho mundo, com algumas atividades: integra o júri da III Bienal Internacional de Arte Jovem, em Vila Verde, Portugal. Realiza sua primeira obra pública na Europa, na Escola Profissionalizante. Promove oficinas culturais para: crianças e adolescentes na mesma cidade, e para 500 participantes no Convívio Nacional do Movimento Encontro de Jovens Shalom em montemor-o-Velho, em Coimbra, Portugal

Durante o ano de 2004 realiza oficinas para jovens no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, em Fortaleza. No ano de 2005 com o prêmio do I Edital de Incentivo as Artes do Estado do Ceará, promovido pela SECULT, edita no formato de cd-rom seu arquivo geral. No mesmo ano retorna à Europa. Integra o júri na VI Bienal Internacional de Arte Jovem de Vila Verde, Portugal. Apresenta o arquivo na Escola de Belas Artes da Universidade do Porto, Portugal. Exposição "Promessa paga – Pinturas de José Tarcísio" no espaço Cultural correios de Fortaleza - 2006, "Viva a arte viva do povo brasileiro" – Museu Afro-Brasil de São Paulo – 2006/2007, Bienal Sao Paulo/Valencia - Encuentro Entre dos Mares – Espanha/2007, Exposição Caminhos da Serigrafia – Museu do Ceará 2009. Elos da lusofonia, Museu Histórico Nacional – Rio de Janeiro e Museu Afro Brasil, São Paulo – 2010.



Fotos:
Arnaldo Fontenele
Klaus Meyer
Lindemberg Freitas
Walter Firmo
Zé Tarcísio